

# Grupo luta para Sarney ser presidente da ABL

Rio — A derrota do grupo Sarney nesta eleição da Academia Brasileira de Letras que deu a vitória à escritora Nélida Pinon está longe de representar o fim de uma era dominada pelo fisiologismo. Eles perderam a batalha, mas não a guerra. E anunciam: vai se chamar Presidente Sarney o auditório do Centro Cultural que a Academia mantém no município de Campos. A escolha do nome não foi submetida à aprovação dos 37 acadêmicos, mas partiu de uma decisão do presidente da Academia, Austregésilo de Athayde, com aprovação automática (apenas) dos acadêmicos politicamente ligados ao Palácio do Planalto.

O mesmo grupo trabalha em silêncio (na verdade, não muito) para que o presidente Sarney possa um dia sentar na cadeira há mais de 20 anos ocupada por Austregésilo de Athayde, presidente vitalício da Academia. Lobistas não faltam, à frente o grande e grato amigo de Sarney, Marcos Vilaça. Ainda que considerem a vitória de Nélida como a "vitória da dignidade literária", os não governistas não se iludem: o bloco Sarney voltará fortalecido na eleição do dia 24 de agosto, quando Alvaro Pacheco, também amigo e editor de Sarney, já derrotado em duas outras eleições, disputará novamente, a imortalidade com o pensador católico Cândido Mendes de Almeida.

## Feudo

Quando fundou, em 1897, junto com Joaquim Nabuco, a Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis não queria um feudo político, mas unicamente um espaço que pudesse contribuir para evolução do panorama cultural brasileiro. A realidade exibe um caminho oposto. A Casa de Machado de Assis virou, com o tempo, aquela glória que consola, seja lá o que for. A República Velha encontrou nela o seu grande abrigo pós-ostracismo. De Getúlio Vargas a Juscelino, poucos foram os que não disputaram seus acentos.

Nem sempre como manda o figurino. Para que Getúlio Vargas entrasse, por exemplo, foi preciso alterar seu regimento. Sem jamais ter escrito um único livro (exigência principal para alguém ser acadêmico) ou ter sido o que se poderia chamar um notável do saber, o ex-presidente soube usar toda sua força política para tornar-se imortal. Conseguiu. Menos sorte teve Juscelino Kubitschek, que tentou, mas tinha um grande defeito: era cassado e os acadêmicos tiveram medo de enfrentar a ira dos



Austregésilo de Athayde

militares.

A eleição de Lauro Muller, por exemplo, ministro das Relações Exteriores de Wenceslau Brás, causou uma enorme crise interna dentro da Academia. Em sinal de protesto à sua candidatura, o escritor José Veríssimo retirou-se da Casa de Machado de Assis. No Governo Delfim Moreira, a eleição que deu a vitória ao ministro da Justiça, João Luiz Alves, provocou um "racha" tal que quase comprometeu a própria sobrevivência da Academia. Mais recentemente, a vitória do general Aurélio Lyra Tavares, ex-ministro do Exército do governo Médiçi, e membro da junta que dirigiu o País após a doença de Costa e Silva quase fez o falecido dicionarista Aurélio Buarque de Hollanda renunciar à sua cadeira. Aurélio teve um sobrinho torturado nos porões do regime militar quando Lyra Tavares era o homem forte da Nação. Jamais o perdeu.

## Arreglos

Não foi uma eventual dor de cotovelo (ele garante), mas uma genuína vontade de "denunciar" os processos e "arreglos" utilizados nas eleições para a Academia, que levou o escritor e teatrólogo Guilherme Figueiredo a escrever o polêmico livro "As excelências ou como entrar para a Academia", editado pela Civilização Brasileira e já esgotado. Derrotado numa eleição, em 1963, ele vingou-se brindando seus leitores com uma das mais ácidas e reveladoras críticas sobre o processo eleitoral da ABL. Poucos escapam do talento ferino do irmão do ex-presidente João Fi-

gueiredo. Ele conta, por exemplo, porque o ex-ministro Luiz Viana Filho votou no médico Deolindo do Couto, famoso neurologista brasileiro, mas sem obra literária em seu currículo.

"Deolindo era medido de Viana Filho e cedia seu automóvel todas as vezes que o então deputado federal vinha ao Rio". Segundo Figueiredo, as eleições na Academia são feitas sempre em função de "compromissos, arreglos, assédios". "Não precisa ser escritor, basta ser ilustre, um encanto de pessoas". Figueiredo tinha a sua vitória como certa, perdeu por seis votos, uma derrota que os não governistas da Casa jamais engoliram: "Ele foi vergonhosamente traído. Mentiram-lhe" — garante um imortal, que prefere o anonimato.

Situação semelhante viveu o escritor mineiro Geraldo França de Lima, que concorreu com o ministro Oscar Dias Corrêa para a cadeira 28, vaga com a morte de Menotti Del Picchia. O acadêmico Bernardo Elis (do grupo Sarney) tinha lhe dado quatro votos. No dia da eleição procurou-o pedindo os votos de volta. Não suportou a pressão do Governo de Goiás (ele é goiano) que, por sua vez, estava sendo pressionado por Brasília. Aparentemente refeito, ele hoje não quer falar no assunto. Vai se candidatar novamente.

## Elas por elas

Já o editor Alvaro Pacheco é considerado um dos muitos que vez por outra rondam a Casa de Machado de Assis. Amigo íntimo de Sarney, já foi derrotado em duas eleições, apesar da pressão do bloco governista. Vai se candidatar novamente e, em função dos muitos arreglos já em preparo, pode sair vencedor. Ou, como raciocina um bem-informado e atuante imortal não governista: "Ganhamos a Nélida e o Aria Suassuna (é candidato único na eleição do dia 3), em compensação, deixa-se o Pacheco ganhar. Fica tudo na base do elas por elas".

Aos 92 anos, o presidente da ABL mostra-se (aparentemente) indiferente às lutas internas dentro de sua Casa. Dizem que faz parte do bloco governista, o que parece ser confirmado com a escolha do nome de Sarney para patrono do Centro Cultural de Campos. Athayde não diz que sim, nem que não. Para ele, tudo isso faz parte do "jogo democrático". Mas o próprio Athayde foi eleito quando ocupava a alta direção dos "Diários Associados", à época intimamente ligado ao Poder.